WILSON GREY

Um ator para todos os filmes

MARIA HELENA VIANA

Um filme em projeto teria Wilson Grey como protagonista: um assaltante, chefe de quadrilha, homem cuja vida mais secreta permanece desconhecida até de seus cúmplices. Até aí nada de surpreendente para quem acompanha a carreira do ator, sempre do lado oposto da lei — o "marginal por excelência", o vigarista, o bicheiro, o jogador de cartas marcadas, o cigano falcatrueiro, o malandro de muitas caras. Mas aquele personagem, o chefe de quadrilha, rouba para salvar da fome e do mau caminho crianças desamparadas. Ao ser preso, leva a polícia ao casarão onde seus protegidos recebem "todo o trato indispensável a um ser humano": instrução, alimentação, assistência social. Produtor (em potencial) do filme: Wilson Grey. Censura: livre.

O projeto, no qual coloca o lado noturno e o lado solar da vida do ganhador do Prêmio INC ("melhor ator" de 1973), revela a sua preocupação humanista. O "marginal por excelência" é na realidade uma pessoa de imensa cordura que, em vez de guardar rancor pelas atribulações que sofreu, transformou-as em matéria-prima de sua arte. Apesar da bagagem de uma centena de filmes, sua única fortuna "é a disposição de continuar lutando, sempre esperançoso de dias melhores". Do pior ele se livrou: "quase fui um marginal em certa fase, mas Deus me ajudou e me deu força de vontade para vencer".

Desde cedo Wilson Grey foi um apaixonado pela arte. "Quando eu via um ator ficava feliz, maravilhado, tinha ganho o dia". Começou no cinema com grande dificuldade, porque naquela época a década de 50 — filmava-se muito pouco. Não havia muitos estúdios. O mais ativo era o da Atlântida: um ou dois filmes em um ano, ou três em dois anos. Acha que foi um dos atores "mais chatos" daquela fase. Quando tinha conhecimento de alguma filmagem, cercava o diretor à procura de uma chance. E não se conformava com respostas negativas.

Ao perder praticamente as esperanças de carreira no cinema, apareceu a oportunidade de fazer teatro. Terminado o ginásio, estudou na escola de teatro da Prefeitura, hoje Martins Pena, de onde saíram intérpretes como Fregolente e Luis Linhares. Ganhou grande experiência com Paschoal Carlos Magno, no Teatro Duse. Com Luis Linhares passou para o Teatro do Estudante, onde interpretou "Hamlet". Com a saída de Linhares que foi convidado para a Companhia de Sady Cabral, tornou-se um ator profissional e passou a fazer o papel daquele na peça de Shakespeare. Foi um dos fundadores do Teatro dos Doze, com Sergio Cardoso, Sergio Brito, Jaime Barcelos, Luis Linhares e outros — um dos grupos mais importantes da época. Atuou em "Hamlet", "Arlequim Servidor de Dois Amos", "Winterset". Trabalhou também com Raul Roulien em várias peças e com ele excursionou pelos Estados.

Fez teatro infantil: representava em escolas públicas, asilos, hospitais e outras instituições beneficentes — sem apoio oficial. Não tinha qualquer interesse de lucro. Era pura e simplesmente amor à arte. O seu teatro tinha uma mensagem no final, em que o Bem vencia o Mal. Este tipo de teatrinho foi muito elogiado nos colégios onde era encenado. Tudo isso alimentou o seu gosto pelo teatro, mas somente quando feito com seriedade e respeito ao público. Em 1974 atuou em "O Casamento do Pequeno Burguês", de Brecht.

Trabalhou pouco na televisão e acha que atualmente ela vulgariza muito os atores. Começou na TV Tupi na série "O Falcão Negro", com Gilberto Martinho. Era o inimigo mortal do Falcão: fazendo papel do imperador Mink, um personagem tipo chinês. Considera boa a experiência que ali obteve. Como na época o cinema pagava mais, deixou a televisão. Mais tarde foi convidado pela TV Globo para trabalhar na novela "A Gata de Vison", e, talvez porque tivesse cobrado mais do que me ofereceram, me mataram depois de quatro gravações, de uma maneira brusca, e não me deram notícia. Fiquei chateadíssimo pela falta de consideração. Passado algum tempo fui chamado

Acima, "Pindorama", de Arnaldo Jabor — Wilson Grey, Itala Nandi. Na página ao lado, "Nem Sansão, Nem Dalila", de Carlos Manga

para trabalhar para o mesmo canal em "Shazam e Xerife", com direção de Paulo José. Mas como eles continuavam naquela de pagar salários baixíssimos, acabei desistindo de fazer televisão." Acha que a TV precisa, inclusive, dar mais apoio ao cinema nacional.

Voltou novamente à tela, quando convidado por Hugo Lombardi para coadjuvante em **Hóspede de uma Noite,** em 1948. Desde então participou de todas as etapas do cinema brasileiro, sempre como coadjuvante, em atuações marcantes.

Sua primeira grande oportunidade surgiu quando seu amigo Cuca (o falecido Oswaldo Waddington) não podendo aceitar o papel que lhe fora oferecido em **Amei um Bicheiro** porque estava preso às novelas de rádio, apresentou-o aos diretores Jorge Ileli e Paulo Vanderley. "Participei do filme no papel de um bicheiro, muito pequeno, e, aliás de cachê não maior. Assim mesmo fiquei entusiasmado. Nessa época eu trabalhava numa perfumaria no centro da cidade. Passados três dias recebi um telefonema de Ileli dizendo que, assistindo ao copião, haviam gostado muito e tinham resolvido aumentar o meu papel. Pedi na perfumaria autorização para filmar, mas não deram. Abandonei a firma, certo de que estava engrenado. Mas ainda nesta época filmava-se muito pouco, e, lá fiquei eu novamente desempregado, isto é, na rua da amargura. Para continuar a viver fui trabalhar em corretagem, mas sempre otimista e com esperança de um dia vir a engrenar mesmo, o que aconteceu. Fui convidado para um papel em **Nem Sansão Nem Dalila** e desde então felizmente, não parei mais".

"Um fato curioso aconteceu durante as filmagens de **Amei um Bicheiro**. A equipe estava filmando na rua Itapiru e não sabia que aquele local era uma "fortaleza" do jogo de bicho. Tudo corria bem até que, durante uma cena em que eu fazia o joquinho com os figurantes — diga-se de passagem eu conhecia bem aquele jeitão do bicheiro, o que me deixou empolgado para fazê-lo o mais autêntico possível — chegaram três choques de polícia e foram logo me pegando, querendo me bater e me jogar dentro do carro. Por mais que eu explicasse que se tratava de uma filmagem, que eu era ator e não bicheiro, eles não me ouviram e continuavam me empurrando, até que Ileli e Vanderley explicaram que de bicheiro eu só tinha a vocação."

Sua reivindicação mais importante como ator é a regulamentação da profissão. Num país onde até a profissão de doméstica já é regulamentada, não se entende como a do ator ainda não tenha sido reconhecida.

É sindicalizado, mas todos os sindicatos fundados até agora nunca tiveram espírito associativo. Considera os próprios atores os culpados, porque nas reuniões da classe, só uma minoria comparecia e o sindicato não conseguia assim se fortalecer. Vê com otimismo o atual, dirigido por Luis Olimecha (de tradicional família de circo), que é um batalhador, um profissional, fazendo questão de ouvir a classe

Durante oito anos Wilson Grey fez teatro para crianças em escolas e entidades assistenciais, sem qualquer ambição de lucro

O palhaço Plim-Plim, aliás, Wilson Grey em teatro infantil

para resolver os problemas. Mas só com a regulamentação da profissão é que o sindicato terá mais campo para agir.

A crítica sempre estimulou muito Wilson Grey. Considera o crítico um guardião do nosso cinema. Vê a crítica brasileira como a mais benévola do mundo, a melhor. Quando recebeu a Coruja de Ouro era sua intenção falar sobre vários assuntos, especialmente sobre a crítica e no papel importante que ela tem desempenhado, mas devido ao ritmo da entrega dos prêmios não pôde expor o que pretendia. Em sua opinião deve o que é hoje, em grande parte, à crítica, porque na época em que o cinema brasileiro estava engatinhando, os críticos desempenhavam um papel importantíssimo de apoio ao cinema nacional.

Recebeu os seguintes prêmios: em 1954, o Indio, como "o melhor ator coadjuvante" no filme **Matar ou Correr,** comédia-western; em 1955, como o "ator coadjuvante mais popular do cinema brasileiro", no concurso instituído pelo "Jornal de Cinema" e "Oltima Hora"; em 1969, "ator coadjuvante" em **Sete Homens Vivos ou Mortos** (na sua opinião, o melhor que já fez em cinema); e, finalmente, em 1973, a Coruja de Ouro como "o melhor ator coadjuvante" nos filmes **Sagarana** e **Vai Trabalhar, Vagabundo!**.

Em **Ana, a Libertina,** direção e história de Alberto Salvá, produção de Herbert Richers, Wilson Grey tem um papel importante — o de um porteiro de prédio de apartamentos "completamente taradinho". A principal figura feminina é Marilia Pera. Durante toda a história, o porteiro tem uma fixação terrível naquela mulher que não lhe dá a menor importância.

FILMOGRAFIA

1950 — "Hóspede de uma Noite", de Ugo Lombardi

1953 — "Carnaval Atlântida", de José Carlos Burle

"Amei um Bicheiro", de Paulo Vanderley e Jorge Ileli

"A Dupla do Barulho", de Carlos Manga

1954 — "Balança, Mas Não Cai", de Paulo Vanderley e Nelson Ribeiro

"Nem Sansão, Nem Dalila", de Carlos Manga

"Carnaval em Caxias", de Paulo Vanderley

"O Lobisomem", de Elyseu Visconti Cavalleiro

"O Petróleo É Nosso", de Watson Macedo

"Matar ou Correr", de Carlos Manga

"Malandros em Quarta Dimensão". de Luiz de Barros

1955 — "Paixão nas Selvas", de Francisco Eichorn; produção brasileiro-alemã.

"O Rei do Movimento", de Victor Lima

"O Primo do Cangaceiro", de Mario Brasini

"Chico Viola Não Morreu", de Román Vignoly Barreto

1956 — "O Grande Pintor", de Victor Lima

"Vamos Com Calma", de Carlos Manga

"Fuzileiro do Amor", de Eurides Ramos

"O Feijão é Nosso", de Victor Lima

"Amor na Terra do Samba" (ou "Terra dos Amores"), de Nilo Machado

"O Boca de Ouro", de Eurides Ramos

"Quem Sabe, Sabe", de Luiz de Barros

1957 — "Metido a Bacana", de J. B. Tanko

"Osso, Amor e Papagaios" de Carlos Alberto de Souza Barros e Cesar Mêmolo Junior

"O Barbeiro Que se Vira", de Eurides Ramos

"Maluco Por Mulher", de Aloisio T. de Carvalho

"Canjerê", de Yolandino Maia e Vitor Diniz Neto

"De Pernas Pro Ar", de Victor Lima

1958 — "Na Corda Bamba", de Eurides Ramos

"Sherlock de Araque", de Victor Lima

"Chico Fumaça", de Victor Lima

"O Camelô da Rua Larga", de Eurides Ramos

"E o Bicho Não Deu", de J. B. Tanko

"Contrabando", de Eduardo Llorente

"Cala a Boca, Etelvina", de Eurides Ramos

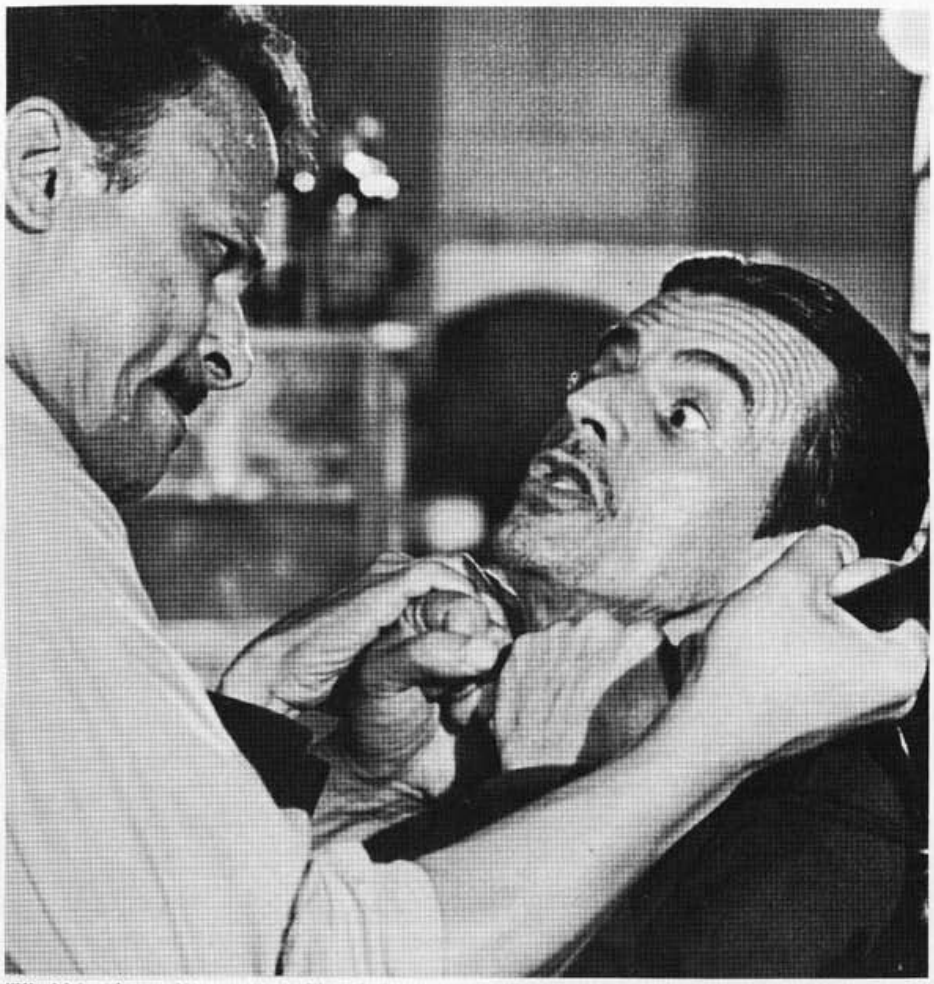
1959 — "Quem Roubou o Meu Samba?", de José Carlos Burle

"Depois do Carnaval" (ou "Música, Mulheres e Carnaval"), de Wilson Silva

Na telenovela morreu depois de quatro gravações, "de maneira brusca": uma questão de cachê

"Ovelha Negra", de Haroldo Marinho Barbosa

"Sagarana: o Duelo", de Paulo Thiago



"Mineirinho Vivo ou Morto", de Aurélio Teixeira

"Procura-se um Céu", de Adelino Gianotti Rodrigues

1960 — "Titio Não é Sopa", de Eurides Ramos

"Pistoleiro Bossa Nova", de Victor Lima

"A Viúva Valentina", de Eurides Ramos

"Tudo Legal", de Victor Lima

"Marido de Mulher Boa", de J. B. Tanko

"Cuidado com Esse Homem", de Nuripê Bittencourt

1961 — "O Viúvo Alegre", de Victor Lima

"Eu Sou o Tal!", de Eurides Ramos

"Os Três Cangaceiros", de Victor Lima

"Esse Rio Que Eu Amo", de Carlos Hugo Christensen

1962 — "Assalto ao Trem Pagador", de Roberto Farias

"Os Cosmonautas", de Victor Lima

1963 — "Boca de Ouro", de Nelson Pereira dos Santos

"Quero Essa Mulher Assim Mesmo", de Ronaldo Lupo

"Manaus" (Und der Amazonas Schweigt), de Helmuth M. Backhaus e Francisco Eichorn; produção brasileiro-alemã

"Crime no Sacopã", de Roberto Pires

1964 — "Os Selvagens (Die Goldene Gottin von Rio Beni/Duelo en el Amazonas), de Eugen Martin e Francisco Eichorn; produção brasileiro-ítalo-hispano-alemã)

"Samba" (Samba), de Rafael Gil; produção brasileiro-espanhola

"Maré Baixa", de Giorgio Mozzi (Itália)

"Nick Carter Contra Lady L", de Giorgio Mozzi (Itália)

"O Homem de Duas Cabeças", de Felice D'Alicera (Itália)

1966 — "Paraíba — Vida e Morte de um Bandido", de Victor Lima

"Nudista à Força", de Victor Lima

1967 — "Mineirinho Vivo ou Morto", de Aurélio Teixeira

1968 — "Na Mira do Assassino", de Mario Latini

"Chegou a Hora, Camarada!", de Paulo R. Machado

1969 — "Sete Homens Vivos ou Mortos", de Leovigildo Cordeiro

1970 — "Vida e Glória de um Canalha", de Alberto Salvá

"Pedro Diabo Ama Rosa Meia-Noite", de Miguel Faria Jr.

"Salário Mínimo", de Adhemar Gonzaga

"O Vale do Canaã", de Jece Valadão

"O Bolão", de Wilson Silva

1971 — "Como Ganhar na Loteria Sem Perder a Esportiva", de J. B. Tanko

"Pindorama", de Arnaldo Jabor

"O Capitão Bandeira Contra o Dr. Moura Brasil", de Antonio Calmon

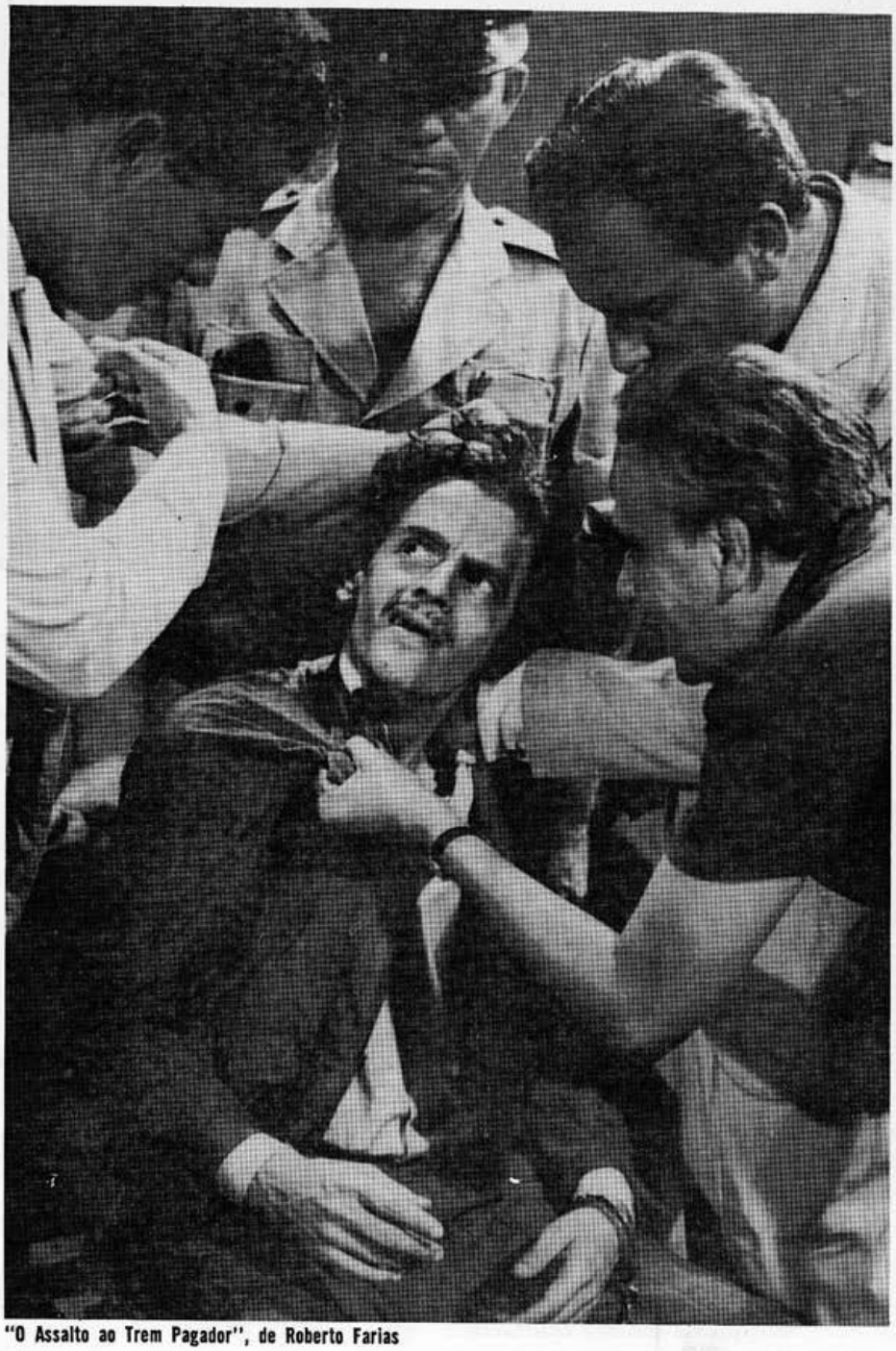
"Lucia McCartney — Uma Garota de Programa", de David E. Neves

"Procura-se uma Virgem", de Paulo Gil Soares

"O Barão Otelo no Barato dos Bilhões", de Miguel Borges

"As Quatro Chaves Mágicas", de Alberto Salvá

Em filmagem de rua de "Amei um Bicheiro" Wilson Grey foi preso pela polícia (de verdade) — "até que Ileli e Vanderley explicaram que de bicheiro eu só tinha a vocação"



"O Assalto ao Trem Pagador", de Roberto Farias

"O Doce Esporte do Sexo" (episódio: "O Apartamento"), de Zelito Viana

1972 — "Os Devassos", de Carlos Alberto de Souza Barros

"Ali Babá e os 40 Ladrões", de Victor Lima

"A Viúva Virgem", de Pedro Carlos Rovai

"Os Inconfidentes", de Joaquim Pedro de Andrade

"Quando o Carnaval Chegar", de Carlos Diegues

"Guru das Sete Cidades", de Carlos Bini

"O Supercareta", de Ronaldo Lupo

"Salve-se Quem Puder", de J. B. Tanko

1973 — "Tati, a Garota", de Bruno Barreto

"O Fraco do Sexo Forte", de Osiris Parcifal de Figueiroa

"O Rei do Baralho", de Julio Bressane

"Vai Trabalhar, Vagabundo!", de Hu-Carvana

"Sagarana: o Duelo", de Paulo Thiago

1974 — "O Lobisomem", de Eliseu Visconti

"Rainha Diaba", de Antonio Carlos Fontoura

"O Último Malandro", de Miguel Borges

"A Estrela Sobe", de Bruno Barreto

"Os Alegres Vigaristas", de Carlos Alberto de Souza Barros

"O Filho do Chefão", de Victor Lima

"O Ovelha Negra/Despedida de Solteiro", de Haroldo Marinho Barbosa

"A Transa do Turfe", de F. M. L. Mellinger

1975 — "Ana, a Libertina", de Alberto Salvá

(Filmografia elaborada por Michel do Espírito Santo).